

## OS CORPOS EM LUTA: ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA PRÁTICA DE ARTES MARCIAIS

Alexandre Meyer Luz<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio tem dois objetivos principais: primeiro, o de apontar para características peculiares do uso bem-sucedido do corpo em contextos de luta corporal; segundo, o de esboçar um modelo geral de avaliação do desempenho de membros de comunidades marciais. Para tais fins, o ensaio enfrentará a questão da definição de “arte marcial”, a fim de destacar as características distintivas das práticas marciais. Em seguida, o conceito estrito de arte marcial será expandido com o apoio do conceito de “comunidade marcial”, que permitirá incluir aspectos não-marciais associados a diferentes grupos de praticantes assim como incluir tipos os mais distintos de praticantes, com as mais diversas relações com as técnicas marciais. O modelo aqui proposto pretenderá capturar tipos distintos de desempenho bem-sucedido de atores em posições diferentes de uma dada comunidade marcial: iniciantes, aposentados, treinadores e artistas no ápice do desempenho. Por fim, para além da avaliação mais tipicamente teleológica, é oferecida uma discussão sobre outros tipos de avaliação de atores em comunidades marciais, tais como a estética e a moral.

**Palavras-Chave:** *Artes marciais; corporeidade; know how; know that; epistemologia*

## BODIES IN FIGHT: EPISTEMOLOGICAL ASPECTS OF THE PRACTICE OF MARTIAL ARTS

**Abstract:** This essay has two main goals: firstly to point out peculiar features of a successful use of the body in fighting contexts; secondly to outline a general model of performance evaluation of members of the martial arts community. To achieve those goals, we'll first define “martial arts” in a way that captures the nature of martial practices. Then, the concept of “martial community” will be added to allow us to consider non-martial aspects that many practitioners embody in their own martial communities, even to consider members of martial communities that are not martial artists. The idea is to capture different types of successful performances of actors in different positions of a given martial community: beginners, retirees, trainers and artists at the peak of their performances. Lastly, beyond the teleological evaluation it proposes a discussion about other types of evaluation of members of the martial arts communities, such as moral and aesthetic.

**Keywords:** Martial arts; corporeity; know how; know that; epistemology

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela PUCRS. Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do PPGFilosofia da UFSC. E-mail para contato: alexmeyerluz@gmail.com

O presente ensaio pretende oferecer ao leitor uma resposta (ou pelo menos uma introdução a uma resposta) a duas questões principais: primeira, como entender a especificidade do corpo durante as lutas e, segunda, como avaliar a performance de um lutador. Para chegar a estes dois pontos eu antes proporei um exercício de delimitação da questão, propondo um esclarecimento sobre a noção de “arte marcial”, sugerindo distinções que servirão para distinguir diferentes propósitos na relação de alguém com uma comunidade marcial.

### 1. O que é uma arte marcial?

Para entendermos as especificidades do uso do corpo nas artes marciais precisamos em primeiro lugar delimitar o escopo deste território. O trabalho de definir “artes marciais” é intrincado porque o fenômeno das artes marciais é intrincado: ele reúne diferentes tipos de agentes, diferentes relações com a cultura, diferentes fins, diferentes expectativas e etc. Todavia, quero começar a investigação destacando o que julgo ser o traço comum entre atividades que parecem ser muito distintas, como senhorinhas em um parque praticando tai-chi-chuan e boxeadores disputando o título mundial num Madison Square Garden lotado. Eu partirei de uma suposição intuitivamente forte associada ao olhar de senso comum sobre o que é um *artista marcial*:

[*artista marcial*]: *x* é um/uma artista marcial se ele/ela está em posição para aplicar de modo apto técnicas corporais desenvolvidas considerando-se o objetivo de causar dano e/ou evitar dano físico em um adversário em um combate corpo-a-corpo.

Esta definição exclui o uso de armas, por estipulação - e pode ser discutido se e quais armas poderiam ser incluídas no escopo da definição. De qualquer modo, vou assumir que é o caso de que um general que tem acesso ao botão que dispara uma bomba atômica *não deve ser* classificado como um artista marcial, no sentido mais cotidiano do uso do termo, isso porque este sentido cotidiano assume que um artista

marcial é alguém que, em alguma medida, passa por um treinamento corporal específico para o fim de aplicação de técnicas marciais - e apertar um botão não é um exemplar deste tipo de treinamento corporal.

Uma maneira de defender a força da intuição acima é a de comparar a expectativa de sucesso no trato de uma tentativa de aplicação de violência por um adversário/inimigo: vou supor que a nossa visão intuitiva se torna saliente quando pensamos em alguém que gostaríamos que nos defendesse diante de uma ameaça de violência física. Para deixar o ponto mais saliente ainda, considere que você, diante de uma ameaça física endereçada por alguém, pode escolher um defensor entre duas pessoas que são virtualmente idênticas (elas são gêmeas idênticas, têm o mesmo peso, a mesma compleição física e etc) mas que lhe são identificadas respectivamente como, digamos, “professor de filosofia” (ou “dentista”, ou “maratonista” ou etc.) e como “lutador do UFC<sup>2</sup>” (ou como “campeão mundial de boxe”), a segunda. A suposição de fundo, aqui, é a de que qualquer pessoa que entenda o significado de “professor de Filosofia” e de “campeão mundial de boxe” escolherá o segundo indivíduo para lhe defender de um ataque de um agressor desarmado<sup>3</sup>. A definição proposta acima quer captar a motivação para tal escolha.

O sentido cotidiano, de senso comum, do que é ser um artista marcial está diretamente ligado à expectativa de sucesso em relação a um tipo de fim muito específico, que é o que a definição capta: causar dano e/ou evitar dano em relação a este agressor. Além disso, ele está diretamente ligado ao *aprendizado de técnicas corporais voltadas para o trato com a violência física*, o que se torna saliente pela escolha entre os gêmeos idênticos. Note que o ponto aqui não é, ao menos neste momento, o de avaliar a efetividade destas técnicas, dado o fim de lidar com a violência. O ponto é apenas o de alimentar uma cláusula-base da definição do conceito de “ser um artista marcial”, captando a expectativa em termos de fim que o senso comum associa ao termo<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> O UFC - o *Ultimate Fighting Championship*, é o principal torneio de artes marciais mistas (o MMA).

<sup>3</sup> Obviamente, está sendo suposto aqui que quem escolhe está interessado em não ser agredido. Além disso, nosso exemplo não carrega qualquer suposição sobre se devemos ou não lutar com um agressor. Ele supõe um cenário em que a tentativa de agressão é inevitável e que a vítima não deseja ser agredida.

<sup>4</sup> Uma estratégia diferente para uma análise conceitual do fenômeno pode ser encontrada em MARTÍNKOVÁ, I., PARRY, J. (2016a) ‘*Martial Categories: Clarification and Classification*’, Journal of the

A efetividade da aplicação das técnicas corporais para causar/evitar dano são relevantes, porém, num sentido importante para os meus fins aqui, o sentido cotidiano de “ser um artista marcial” é *teleológico*: considere o mesmo tipo de caso de agressão iminente e inevitável; desta vez você poderá escolher seu defensor entre dois lutadores de boxe; a primeira opção é a de um ex-campeão mundial dos pesos leves que atualmente tem 87 anos e pesa 54kg<sup>5</sup>. A segunda é a do atual número 150 do ranking dos pesos-pesados. Vou supor que a escolha será, mais uma vez, óbvia para qualquer pessoa que entenda a apresentação dos dois possíveis defensores. A escolha óbvia pelo lutador jovem, que em muitos sentidos pode ser considerado um lutador “pior” do que o ex-campeão, nos lembra que está em jogo a avaliação da capacidade de tornar efetiva a aplicação de técnicas corporais que se supõe capazes de conduzir ao fim de eliminar/neutralizar o risco de agressão.

Note que o que está sendo exigido aqui não é uma visão sofisticada sobre o que é o boxe, sobre quão efetivo pode ser o uso de técnicas de boxe podem ser em uma situação de combate físico (de uma briga, não necessariamente de uma luta de boxe respeitando as regras do boxe e etc). O que se está destacando é a suposição de que o artista marcial domina técnicas que melhoram as chances de lidar com a agressão física *agora*. Um ex-campeão de boxe pode, aos 87 anos, ser um membro muito útil de uma *comunidade marcial*, instruindo novos lutadores e etc. Todavia, note que este é um ponto secundário, do ponto de vista do que estamos investigando aqui. O ponto relevante é, lembrando, que a cláusula-base que apresentamos quer captar um tipo de fim mais específico, o de aumentar a chance de sucesso na neutralização da ameaça *agora*, e que este fim passa pela capacidade de usar o corpo para tal fim atualmente.<sup>6</sup>

---

Philosophy of Sport, 43(1): 143–162. Ao fim, sua estratégia implica em cinco categorias: combate corpo-a-corpo (close combat), artes da guerra (warrior arts), artes marciais, caminhos marciais (martial paths) e esportes marciais. Seria matéria de investigação mais cuidadosa, mas eu assumirei que, a despeito das diferenças entre diferentes relações com a marcialidade (que merecem ser destacadas), elas podem ser unificadas sob o que a cláusula-base que proponho quer captar).

<sup>5</sup> “Tamanho não importa”, “use a força do adversário contra ele” e etc fazem parte de um imaginário fantasioso sobre o uso do corpo nas artes marciais. É fato que técnicas marciais podem permitir que pessoas menores e mais fracas superem adversários maiores e mais fortes. O ponto, porém, é que força (ou potência) sempre desempenham um papel importante nas lutas. Força não é o único elemento importante, mas ela pode ser um elemento decisivo.

<sup>6</sup> Vale, novamente, lembrar que os casos supõem agressão física iminente e inevitável. Estratégias de dissuasão ou de fuga não devem ser consideradas, aqui. A motivação para tal restrição vem do interesse

## 2. O Uso do Corpo nas Artes Marciais: Uma Aproximação

Na seção anterior eu sugeri que a noção de artista marcial carrega a intuição de uso efetivo do corpo no que diz respeito à manipulação da violência. Essa é uma consideração apropriada quando consideramos o corpo como o *meio* pelo qual a marcialidade se expressa, mas ela não é apropriadamente refinada para funcionar como uma descrição do uso do corpo para os fins marciais. A isso que nos dedicaremos a seguir, logo após a introdução de um conceito auxiliar importante.

### 2.1. Variedades do uso do corpo nas comunidades marciais

*Comunidades marciais*, ou seja, grupos de pessoas que se reúnem para atividades direta ou indiretamente relacionadas ao aprendizado de técnicas marciais, agregam diferentes tipos de artistas marciais e outros membros que não são artistas marciais (mas que podem ser membros valiosos da comunidade) sob diferentes *ethos*. Uma comunidade marcial pode reunir pessoas interessadas em situações de briga (como policiais e seguranças, que sabem que suas atividades os colocam mais próximos de situações deste tipo), pode reunir pessoas num dado instante incapazes, em diversos graus, de usar o corpo com efetividade para os fins marciais (como um treinador experiente, lamentavelmente, tetraplégico após um acidente automobilístico), pessoas interessadas em divertir-se (como crianças numa aula infantil de judô), em exercitar-se fisicamente, em aproveitar dos estados mentais associados a uma luta esportiva para esquecer dos estresses da vida, etc. Diferentes comunidades marciais constituem culturas diversas, com diferenças que aparecem nos trajés, em gestos e rituais e etc. Elas podem, inclusive, dar ênfases distintas à

---

de tornar saliente o que é mais tipicamente essencial ao conceito. Claro que conselhos como o de “evitar o confronto sempre que possível” e “evitar brigas” podem (ou mesmo *devem*) ser defendidos, mas estes conselhos estão não-essencialmente associados a “ser um artista marcial”; pode ser moralmente desejável ou pragmaticamente útil que um artista marcial não se meta com agressores. O ponto é que o cumprimento destes conselhos não faz de alguém um artista marcial e o descumprimento destes conselhos não faz com que alguém deixe de ser um artista marcial - ele talvez seja um artista marcial *imoral* ou um viciosamente *temerário*.

própria marcialidade, conferindo maior ou menor grau de importância para o que é estritamente marcial, o aprendizado de técnicas de luta.

Estas distintas *culturas* em diferentes comunidades marciais são compatíveis com a cláusula-base que propus anteriormente. A cláusula-base, de fato, nada diz sobre estas múltiplas possibilidades culturais. Ela nada diz sobre se membros de uma comunidade marcial devem necessariamente vestir tal ou tal roupa, incorporar instrumentos musicais, ter tal e tal visão política ou etc. Ela apenas exige que as técnicas corporais de luta estejam no escopo daquela comunidade. Eu deixarei “estar no escopo” propositalmente vago, de modo a permitir diferentes descrições sobre o modo como as técnicas de luta podem se apresentar para uma determinada comunidade marcial, isto porque comunidades marciais podem ser, em muitos sentidos, como sugeri, diversas. Considere, por exemplo, a Capoeira. Ela é descrita, muitas vezes, como uma dança, o que parece ser reforçado pela presença de música, de instrumentos musicais e etc. Porém, aquela intuição que alimenta a cláusula-base nos lembra, como vimos, que a capoeira é uma arte marcial - e, de fato, ela é muitas vezes descrita em termos de técnica de luta para lidar com agressores. Podemos aceitar que a Capoeira seja, ao mesmo tempo, dança e arte marcial? Eu vou sugerir que a resposta a tal questão é afirmativa.

De modo mais apropriado, comunidades marciais de capoeira podem absorver os dois aspectos (e outros traços culturais). Num sentido estrito, não se pode dançar e lutar ao mesmo tempo, já que os fins são distintos<sup>7</sup>, mas uma comunidade marcial de capoeira pode ser composta por membros que priorizam a dança em certos momentos e a marcialidade em outros, por membros que só priorizam a dança e por membros que só priorizam os aspectos estritamente marciais.

Um ponto importante a ser considerado é que os membros de uma comunidade marcial, cada um deles, não precisam eles mesmos fazer escolhas em relação às distintas ênfases. Uma criança pode ser introduzida em uma comunidade marcial de Capoeira pelo caminho da dança e pode frequentar esta comunidade

---

<sup>7</sup> Pode-se dançar *durante* uma luta, como parte da luta. O grande Muhammad Ali fez isso, por exemplo. O ponto é que, nestes casos, a dança precisa estar subordinada aos fins marciais. Pode-se dançar para, por exemplo, irritar o adversário. Não se pode dançar, por exemplo, em situações em que dançar permite um ataque efetivo do adversário.

mesmo sem sequer imaginar os fins marciais que um movimento “de dança” a ela apresentado pode ter. Por outro lado, alguém pode receber treinamento para executar um certo conjunto de movimentos típicos da Capoeira sem sequer ser informado sobre a cultura musical que é tipicamente associado à Capoeira. Este lutador, durante uma briga, poderia ser identificado por outros como um membro de alguma comunidade capoeirista, mesmo que causasse espanto, posteriormente, a sua ignorância em relação à tradição musical que as comunidades capoeiristas tipicamente (mas não necessariamente) carregam.

O ponto da variedade de experiências em uma mesma comunidade marcial e entre diferentes comunidades marciais é relevante aqui por conta dos diferentes usos do corpo que uma fenomenologia das artes marciais deve levar em conta. Além disso, ela deverá considerar também os diferentes *modos* de lutar, em pelo menos mais três sentidos importantes.

Em primeiro lugar, o conceito de senso comum de “arte marcial” agrupa diferentes tipos de técnicas marciais. Não é difícil perceber que Boxe e Judô são “artes marciais” muito distintas, com demandas físicas muito distintas.

Em segundo lugar, o conceito de senso comum de “arte marcial” agrupa relações diferentes com os fins marciais. Considere, por exemplo, um praticante de boxe que pretende ser capaz de usá-lo como ferramenta de defesa pessoal, um que o pratica como um atleta profissional, um praticante amador e alguém que procura uma escola de boxe apenas como atividade física e que, por isso, se dedica apenas a atividades sem adversário, como aprender a socar usando um saco de pancada. Nos quatro casos, há demandas físicas distintas. Por exemplo, o último tipo de boxeador é alguém que não precisa aprender movimentos defensivos, por exemplo - mas precisa aprender a socar, no mínimo para não quebrar a mão ao socar o saco de pancadas. O boxeador interessado em defesa pessoal, por sua vez, teria que preparar seu corpo (e privilegiar técnicas) para pôr fim a uma briga rapidamente, por conta de uma exigência típica de brigas (associada ao não dominar o ambiente, ao não saber se você será atacado por um segundo agressor, etc.). Um boxeador profissional, diferentemente, precisa se preparar para uma longa sucessão de rounds e saber, por isso, como não esgotar suas energias no primeiro round. Um boxeador amador pode flutuar entre diferentes demandas, combinando com um adversário/parceiro de treino um número

menor de rounds, aplicação de golpes com menos potência e etc. “Lutar” contra alguém na rua e contra alguém num ringue diante de um juiz são exercícios diferentes.

Em terceiro lugar, há de se considerar as especificidades físicas dos praticantes, mesmo considerando-se um mesmo cenário. Dois judocas de uma mesma categoria de peso podem ser fisicamente muito diferentes e ter valências físicas muito distintas, e isso implica em variadas práticas corporais, com o favorecimento de técnicas mais apropriadas às suas características e, eventualmente, em usos alternativos de suas valências físicas (ou em alternativas para lidar com a falta delas). Por exemplo, um atleta pode ser menos explosivo mas mais capaz de manter o mesmo grau de intensidade física durante a luta do que seu adversário. Os dois, neste sentido, não usam o corpo do mesmo modo, em vários sentidos relevantes.

## 2.2. “uso do corpo”?

Utilizei uma expressão nas seções anteriores que pode ser facilmente compreendida, mas que carrega um tipo de suposição que uma fenomenologia de práticas marciais ajuda a trazer à tona e a desafiar: a de “uso do corpo” durante as atividades marciais. Nesta seção eu vou apresentar algumas considerações *contra* uma visão potencialmente associada a tal tipo de expressão, uma que prioriza o mental sobre o corporal e o *know-that* (o saber *que*, ou a posse de conhecimento *proposicional*<sup>8</sup>) sobre o *know-how*. Eu não me preocuparei aqui em propor uma visão alternativa a esta<sup>9</sup> (que vem sendo desenvolvida, por exemplo, em interpretações

---

<sup>8</sup> *Grosso modo*, o “conhecimento proposicional” ou “saber que” (*know that*) é o conhecimento de proposições, como por exemplo “Pedro *sabe que* Luiz Inácio Lula da Silva é o presidente do Brasil em março de 2023”, enquanto o “saber como” (*know how*) é o tipo de conhecimento atribuído a ações bem-sucedidas, tais como em “Pelé *sabia* jogar futebol muito bem”. A distinção entre *know how* e *know that* é importante não por conta de alguma preocupação com a explicação de dois tipos de desempenho e sim por conta da avaliação de diferentes aspectos do desempenho. Ela nos permite, por exemplo, avaliar um jogador de futebol que é muito habilidoso e eficiente com a bola nos pés mas que não domina os aspectos táticos do jogo. Para saber mais sobre a distinção veja LUZ, A. M., *Conhecimento e Justificação: problemas de epistemologia contemporânea*. Editora:NEPFI on-line, 2013.

<sup>9</sup> Um programa para o desenvolvimento de uma explicação *corporificada* do uso do corpo na dança (que pode ser expandido para uma explicação para o uso do corpo nas artes marciais e outros esportes) pode ser encontrado em CARMONA, C. “Dance and Embodied Cognition: Motivations for the Enactivist Program”. *RIFL* (2018) Vol. 13, n. 2: 31-43 DOI: 10.4396/20180208.

mais “corporificadas” da avaliação do bom desempenho - aí incluso o desempenho esportivo). Minha estratégia será a de sugerir que certas suposições, que serão apresentadas posteriormente, não dão conta de explicar o bom desempenho nos contextos de artes marciais.

### 2.2.1. Você “pensa” durante uma luta?

Isao Machii é um espadachim japonês conhecido por seus feitos com a katana (a famosa espada samurai). No vídeo do programa "Os Super Humanos de Stan Lee"<sup>10</sup>, ele corta com sua espada um projétil disparado a quase 300 km/h por uma pistola, um feito que pessoas comuns julgarão impossível. Como é possível? Teria Machii uma capacidade de processamento de informação muito mais veloz do que a das pessoas “comuns”. Esta seria uma explicação plausível, a princípio: assim como o personagem dos quadrinhos *The Flash*, Machii processaria a informação visual e se moveria a partir dela tão rapidamente que movimentos que parecem muito rápidos para pessoas comuns lhe pareceriam bastante lentos. Assim, ele seria capaz de *ver a bala se aproximando*, de *calcular sua trajetória*, de *posicionar sua espada* em tal e tal posição, por conta de seus cálculos, aguardando o contato com a bala.

Há pelo menos três problemas com este tipo de explicação: primeiro, não há indícios de que Machii seja *The Flash* - ou que tenha algum superpoder digno de ser registrado num *cartoon*; segundo, apesar do feito de Machii ser extra-ordinário, ele é semelhante a muitas de nossas ações ordinárias; terceiro, uma descrição como a do parágrafo anterior não é uma descrição apropriada do que Machii faz, em muitos sentidos importantes.

Considere, por exemplo, as seguintes situações.

- Você está caminhando pela calçada e escuta um barulho forte ao seu lado, enquanto percebe uma movimentação rápida de um vulto, do outro lado da grade de um muro de uma residência; você salta para o lado oposto.

---

<sup>10</sup> disponível aqui <<<https://youtu.be/U97Xn1jU1Tg>>>.

- Você vê um amigo caminhando em sua direção; vê que essa pessoa cerra os punhos e faz um movimento de soco. Você desvia seu corpo na direção oposta ao do soco.

Nestes casos, é simplesmente falso que você, em todos os casos, *inference* que deve desviar a cabeça do soco ou que deve pular na direção oposta ao do barulho. Você reage ao barulho ou ao punho fechado de um modo que em parte, pode ser descrito em termos de inferências (“eu vi o punho cerrado vindo em minha direção e por conta disso...”), mas você tipicamente não tem todos os aspectos de sua ação motivados pelo resultado de raciocínio inferencial.

Machii (e você, em muitas das ações cotidianas) não teria tempo para realizar as inferências que o levariam a acertar no projétil. Além disso, mesmo que ele tivesse tempo, ele e nenhum de nós é capaz de descrever em termos de passos inferenciais o caminho entre ouvir o estampido da arma e de posicionar o braço nesta ou naquela posição. Nenhum de nós posiciona os braços (no caso de Machii, a espada) em coordenadas que resultaram de uma avaliação da posição do projétil. O processo de posicionar a espada e o processo de pegar uma maçã no cesto de frutas é um conjunto de evento que ocorre de um modo que não temos acesso, pelo menos não em termos passos encadeados. No máximo somos capazes de dizer que “vimos o objeto vindo nesta direção e mexemos a mão deste ou daquele modo para agarrá-lo”, o que é uma descrição bastante superficial da enorme quantidade de processos que ocorrem de fato.

Talvez Machii tenha reflexos mais rápidos do que a média das pessoas, mas as suas habilidades ao cortar o projétil são, em linhas gerais, semelhantes às de uma pessoa comum ao segurar no ar uma maçã que lhe é lançada gentilmente: a somatória de inúmeros e sofisticados processos que não são percorridos inferencialmente - de fato não são sequer considerados - que ligam um *input* com uma reação.

Isso não significa, claro, que qualquer um de nós seja capaz de realizar a façanha de Machii. De fato, ele pode ter algumas habilidades “sobre-humanas” (como reflexos mais rápidos do que a média. O ponto importante para mim, aqui, não tem relação com tais eventuais habilidades extraordinárias, mas com este tipo de processamento não-inferencial e com a relação que podemos desenvolver com ele.

Na tradição de reflexão sobre o uso do corpo desenvolvida no Japão há um conceito que é útil para destacar o que pretendo tornar saliente aqui: o conceito de “mushin” (de “Mu” (無), “nada” ou “vazio” e “Shin” (心), de “espírito” ou “mente”). Este conceito, derivado do budismo zen, tenta apontar para um estado altamente desejável para o samurai, exatamente aquele estado em que os processos não-inferenciais, não atrapalhados pelas demandas inferenciais, fluem mais facilmente - e mais rapidamente<sup>11</sup>.

Um olhar atento aos exercícios de uso-do-corpo-com-finalidade (como o caso de Machii, que “usa o corpo” para atingir o projétil) revelará que muitos desempenhos de “mente vazia” são executados diariamente. De modo especial, eles são feitos o tempo todo em atividades esportivas conduzidas por pessoas “comuns”: “eu vi que a bola vinha perfeita e simplesmente enfiei o pé”, diz o jogador da pelada de domingo, por exemplo.

Chutar a bola durante a pelada talvez não seja o melhor exemplar de um feito que as pessoas considerarão extraordinário, mas é, como sugerimos, um exercício de “concentração não-reflexiva porém orientada” - como poderíamos descrever aquele estado que “mushin” quer captar. Certamente há diferenças de dificuldade, mas há mais similaridades do que diferenças entre cortar um projétil com a katana e atingir a bola com o pé - mesmo quando o chute passa longe do gol.

“Concentração não-reflexiva porém orientada” quer captar aquele tipo de estado associado à ação que se dá entre o puro reflexo e uma ação em que alguém exerce forte controle sobre seus próprios movimentos. No primeiro extremo temos o salto para o lado provocado pelo susto aplicado por um cachorro que surge do nada latindo em um portão, um pulo dado sem considerar, por exemplo, onde se cairá. No outro extremo, imagine o ato de lentamente conduzir o bispo pela diagonal do

---

<sup>11</sup> Não é o caso de propor aqui um tratamento mais adequadamente embasado em pesquisa empírica. Um tratamento que nos parece promissor como uma explicação do que *mushin* quer descrever parece ser aquela que se vale do conceito de *flow*, desenvolvida por M. Csikszentmihalyi. Resumidamente, o estado de *flow* é caracterizado por i) concentração completa na tarefa, ii) clareza em relação aos objetivos e feedback imediato, iii) sensação de transformação na percepção do tempo; iv) percepção da experiência como intrinsecamente valiosa; v) a experiência torna-se mais fácil ao longo do tempo; vi) a experiência se equilibra entre o desafio e o realizável; vii) fusão entre ações e consciência; viii) eliminação da ruminação auto-consciente; ix) sensação de controle sobre a tarefa (CSIKSZENTMIHALYI, M. *Flow: The psychology of optimal experience*. New York, NY: Random House, 2013), e esta descrição parece captar muito bem estados comuns durante as lutas.

tabuleiro de xadrez, uma ação lenta e na qual uma pessoa comum pode facilmente revisar o movimento com a ajuda das casas do tabuleiro. Cortar um projétil ou chutar uma bola em uma partida de futebol são ações orientadas, mas rápidas demais para que se possa revisar o movimento durante sua execução.

Ações nesta mediania entre os dois extremos podem ser treinadas? Parece razoável assumir que sim. Porém é inapropriado imaginar que estas ações repetem integralmente movimentos treinados. Machii deve ter treinado muitos aspectos do movimento que termina com o corte do projétil: deve ter treinado à exaustão o movimento de retirar a katana de sua bainha, de torcer o pulso para ajustar o ângulo do fio da espada, etc. Muitos destes movimentos podem ter recebido *feedback* de um professor ou do próprio Machii, em solilóquio, e estas instruções podem ter sido feitas em termos de instruções verbais: “levante seu cotovelo”, “gire mais seu quadril”, etc. Estas instruções verbais, porém, são orientadas para e fazem parte de um processo de treinamento corporal, um processo que inclui repetição de movimentos articulados entre si.

#### 2.2.1.1. Um caso ilustrativo: lutar jiu-jitsu

Considerando as diferenças entre distintas comunidades marciais, no que segue eu vou reduzir o campo de observação àquela comunidade que eu conheço melhor, a do jiu-jitsu brasileiro, a fim de construir um cenário mais detalhado e, com isso, mais apropriadamente ilustrativo.

A comunidade do jiu-jitsu brasileiro engloba três tipos de fins mais típicos: i. o aprendizado de um esporte de luta; ii. o aprendizado de técnicas de defesa pessoal; e iii. o treinamento direcionado para as *artes marciais mistas*, o MMA. Lembrar desta distinção é importante porque há pelo menos dois sentidos de “luta” associados a estes três fins: se o MMA se distingue esportivamente do jiu-jitsu, eles compartilham características de fundo importantes: a luta se dá sob regras e a vitória é esportivamente regulada por medidas que visam preservar a integridade física dos atletas. Aprender uma arte marcial para defesa pessoal trabalha com pressupostos

muito distintos, já que não há acordo pré-estabelecido sobre as condições do confronto, que pode terminar até com a morte.

Para a questão que guia esta seção, estas diferenças impõem algumas observações importantes sobre o escopo e sobre as características da preparação dos praticantes, já que um atleta possui um longo tempo de preparação para se colocar no estado de luta (já que ele sabe, por exemplo, que lutará às 15h de sábado), enquanto isso não se dá para quem se prepara para situações de defesa pessoal. Além disso, os diferentes fins (vencer uma luta x lidar com uma briga) impõem, por exemplo, diferentes demandas físicas, mentais e técnicas: na defesa pessoal eu preciso ser capaz de, por exemplo, efetivamente causar dano (quebrar um braço, por exemplo) de meu agressor, coisa que um praticante desportivamente orientado não precisa enfrentar.

De qualquer modo, há semelhanças importantes: nos dois casos, se quer preparar o praticante para ser capaz de realizar apropriadamente certas técnicas (ou seja, certos conjuntos de movimentos) e para tomar apropriadamente decisões. Neste sentido, é inadequado considerar que as ações de uma luta (ou de uma briga) são uma mera manifestação de reflexos ou uma repetição de movimentos já praticados (já que dificilmente os movimentos foram praticados sob as mesmas condições).

O treinamento para aplicações de técnicas marciais é um trabalho de longa duração. No caso do jiu-jitsu, ele implica na compreensão de inúmeros aspectos da técnica e uma reeducação do corpo em relação a reflexos muito primitivos. Isto tudo não deveria ser entendido apenas em termos de repetições mecânicas (mesmo que repetições possam ser eventualmente importantes). Junto com tais desafios físicos há de se considerar as questões mais psicológicas da aplicação de uma técnica. Considere, por exemplo, a aplicação de uma chave de braço (que é uma torção da articulação do cotovelo para além de sua capacidade normal de extensão) para fins de uma situação de defesa pessoal; para além de aplicar uma técnica, há a barreira psicológica associada ao causar um dano grave a alguém (quebrar o braço, no caso). De modo similar, considere alguma técnica de saída de um estrangulamento; ela também envolve alguma capacidade de não entrar em pânico numa situação de risco físico ou de dor. Isso não pode ser aprendido apenas pela repetição da técnica de saída em um estrangulamento aplicado por um parceiro de treino.

Sob outro aspecto, a mera repetição de movimentos não explica o desempenho em uma luta (ou uma briga) porque lutas ou brigas envolvem, claro, um adversário - frequentemente um adversário que é um desconhecido. Um adversário pode apenas repetir movimentos que ele mesmo praticou e estes movimentos podem ser desconhecidos para você, o que coloca a questão do como lidar com eles. Este adversário pode ter um biotipo diferente dos seus parceiros habituais de treino. Este adversário pode adotar estratégias as mais diversas, mais ofensivas ou mais defensivas. Ele pode ser destro ou canhoto, etc; resumidamente, um adversário coloca desafios, quebra-cabeças, que precisam ser resolvidos caso-a-caso - ou um “xadrez corporal”, como por vezes o jiu-jitsu é apresentado.

Assim como no xadrez, numa luta há momentos de saber-que explícito. Por vezes, durante a luta, um lutador *nota que* o adversário costuma fazer tal movimento de tal modo, e percebe isto de modo reflexivo. Em outros casos, ele *reage não-reflexivamente* a um movimento errado do adversário - e ele reage porque ele foi treinado para reagir àquele tipo de erro - mesmo que esta reação não seja, em sentido estrito, uma mera repetição de movimentos. De qualquer modo, como vimos, mesmo as decisões mais tipicamente reflexivas, mais claramente inferenciais, carregam muitos aspectos não-reflexivos (pelo menos no momento da aplicação da técnica na luta): o lutador decide aplicar uma chave de braço porque *notou que* o adversário deixava o braço exposto ao realizar um dado movimento e, para tal, decide induzir o adversário a realizar tal movimento. Aplicar uma chave de braço, porém, exige inúmeros movimentos e ajustes corporais que, mais uma vez, não podem ser pensados durante a luta. E, claro, estes ajustes não são repetições mecânicas, já que o treino de aplicação de chave de braço não foi feito nas mesmas condições da luta, sob vários aspectos.

Portanto, sim, se pensa durante uma luta, inclusive num nível mais reflexivo (ou “inferencial”), de modo análogo aos cálculos de um jogador de xadrez. Porém, como vimos, este tipo de exercício reflexivo não deve ser tomado como o modo preferencial de explicação do exercício de solução de quebra-cabeças numa luta, já que boa parte do que é usado para a solução do problema (vencer a luta) acontece de modo não-reflexivo, porém orientado - orientado à solução daquele tipo de quebra-cabeça que é a presença do adversário.

Por fim, se não somos reflexivos em muitos momentos de uma luta - mas somos orientados para a solução de problemas “corporais”, talvez devamos considerar abandonar as metáforas de um corpo como máquina mecânica: nós não “usamos” o corpo durante uma luta. Eu não vou propor aqui uma metáfora substituta, mas vimos que supor que mandamos instruções para o nosso corpo não descreve apropriadamente o que acontece durante uma luta: nossa mente teria que mandar uma quantidade gigantesca de informações para ajustar o corpo em relação a situações novas e muito complexas. Nenhum lutador se percebe fazendo isso e qualquer lutador sabe que se ele precisa pensar em como se aplica um golpe, então ele não deve sequer tentar aplicar aquele golpe, porque não o domina apropriadamente, tanto em relação à mecânica do golpe quanto em relação ao seu *timing* de aplicação.

### 2.2.2. Lutas são violentas?

Lutas são violentas, ponto. Estrangular alguém, aplicar uma torção de articulação, um soco ou um chute são, todos, atos violentos. Se o objetivo, tanto dos esportes marciais quanto das brigas é o de aplicar tais técnicas marciais em alguém, então lutas são intrinsecamente violentas<sup>12</sup>. Esta, porém, é apenas parte da resposta.

Não há nada de errado com o fato de lutas serem violentas, se elas são praticadas entre indivíduos livres e em ambiente controlado de modo a minimizar o risco de lesões. E, claro, num mundo em que humanos por vezes decidem brigar, não há nada errado com saber lutar para se proteger de um brigão - ou proteger alguém. O problema com a violência, vou sugerir, está em outro lugar, um que aparece com outra pergunta: “comunidades marciais tornam as pessoas violentas”?

---

<sup>12</sup> Uma arte marcial que se pretenda eficiente para a defesa pessoal não poderá apenas promover defesa, já que as condições do confronto não estão sempre sob escolha do artista marcial. Uma arte marcial pode *sugerir* que é melhor não brigar e fugir. Todavia, obviamente, artes marciais não são treinamentos para corrida de velocidade, nem centros de diplomacia. Uma comunidade marcial que se descreve como voltada para a defesa pessoal (e não apenas para o esporte) tem que oferecer as ferramentas para que se possa neutralizar um inimigo, já que nem sempre se poderá escolher não lutar.

Uma resposta a esta pergunta deveria separar aspectos *intrínsecos* de aspectos *extrínsecos* à prática de lutas. Aspectos extrínsecos incluem características da cultura em que uma comunidade marcial se insere, características peculiares da cultura de uma dada comunidade marcial e a psicologia peculiar de algum membro daquela comunidade sob avaliação. Aspectos *intrínsecos* se referem aquela característica essencial de comunidades marciais, a luta<sup>13</sup>.

Como vimos, há dois traços típicos de uma luta: primeiro, uma luta é um exercício de *manipulação da violência*, em que um adversário procura causar dano ao outro - e vice-versa. Segundo, uma luta é um exercício *orientado indiretamente para a violência*.

Falar em “*manipulação da violência*” é mais útil do que falar em “*aplicação da violência*”, porque a violência numa luta pode ser aplicada, mas também pode ser recebida ou evitada e porque a violência pode ser aplicada em diferentes *graus* de intensidade (considere, por exemplo, uma luta entre um atleta maior e mais experiente, que pela luta ensina um novato e que entende que não é o caso de aplicar potência total em seus golpes). Por fim, porque muitas e muitas vezes os participantes entram em acordos tácitos ou explícitos sobre o uso de violência (quando, por exemplo, você avisa ao seu colega de treino que está com o pé esquerdo machucado e ele lhe poupa de ataques de torção naquele pé).

Uma luta é *indiretamente* orientada para a violência por pelo menos duas razões: primeiramente, porque há um adversário que tenta me impedir de exercer violência sobre ele. Como vimos, um adversário constitui um quebra-cabeças que é preciso resolver; a aplicação do ato violento (como um estrangulamento, por exemplo) é o *fim* deste quebra-cabeças, não o meio. Atirar-se de qualquer modo na direção de um adversário é um desastre estratégico, como qualquer lutador minimamente experiente sabe.

Isso remete para a segunda razão: lutadores, pela prática da luta, são convidados a aprender que o melhor estado mental para se lutar não é o de ódio ou equivalente, mas o de “*concentração orientada*” (ou “*mushin*”, ou seja lá o nome

---

<sup>13</sup> Como vimos, uma comunidade marcial pode ser apenas indiretamente ligada ao ato de enfrentar um adversário numa luta. Considere, para a discussão que segue, apenas as que são diretamente ligadas, ou seja, aquelas em que os participantes são convidados a lutar.

atribuído). Este é um estado que, como qualquer lutador experiente entende, não funciona bem quando acompanhado por sentimentos como o de ódio. Lutar é um convite para a calma adequada para a solução do quebra-cabeças que o adversário impõe.

Claro que devemos considerar isso como tendo *potencial* educativo, já que os dois treinamentos (o de negociar o uso mútuo de violência e o de habituar-se a buscar o estado de *mushin* durante a luta) não necessariamente superam, por exemplo, convites para o exercício de masculinidade tóxica *macho man* - o que, infelizmente, não é raro em comunidades marciais. O ponto de esperança aqui é o de que o discurso de masculinidade tóxica não é *intrínseco* ao exercício da luta e pode, por isso, ser mais facilmente combatido por pressão social.

### 3. Vocabulário de avaliação para corpos em lutas

O que é “lutar *bem*”? Lutar bem é “ganhar a luta”, alguém poderia se sentir tentado a responder. Esta não é uma resposta de todo ruim, como veremos, mas é uma resposta que não capta bem todas as nuances envolvidas. No que segue, gostaria de propor uma resposta mais completa à questão que abre esta seção e com isso oferecer um vocabulário de avaliação para o desempenho de um lutador.

Lutar contra um adversário é realizar uma performance, particularmente uma performance direcionada para o fim de vencer a luta, sofrendo o mínimo de danos, e chegar a este fim por *mérito*, não por sorte. Abaixar-se para apanhar algo que caiu não é realizar uma esquiva, mesmo quando o ato de abaixar-se para apanhar algo tem como resultado escapar de um soco (o Vagabundo de Chaplin em *Luzes da Cidade* não lutava *bem* boxe).

Uma performance tipicamente engloba um conjunto de pequenos movimentos encadeados, que podem ser avaliados em partes, muitas vezes. Aplicar uma chave de braço inclui passos como o de colocar o adversário em uma posição adequada, mover o quadril do modo apropriado, idem para mover as pernas, segurar o braço do adversário, alinhar os joelhos e muitos outros movimentos encadeados. Estes detalhes por vezes são descritos em termos de “satisfação de um padrão”; isso

permitiria dizer que fulano *errou* ao cruzar os pés durante a aplicação da chave (a técnica padrão, ensinada para os iniciantes, diz que é “errado” cruzar os pés durante a aplicação de uma chave de braço). Este não é, porém, um bom modelo de avaliação, porque sugere que há um modelo de ação que se aplica para todos os casos. Não cruzar os pés durante a aplicação de uma chave de braço é, na maioria dos casos, um bom conselho; há situações, porém, em que o mais apropriado é cruzar os pés.

Uma avaliação mais apropriada deve considerar que o *fim* de uma chave de braço não é o da satisfação de algum modelo de boa técnica, mas o de provocar a desistência do adversário. Uma chave de braço bem aplicada, ou seja, *correta*, é aquela que não oferece saída e que oferece como única alternativa a desistência (ou a fratura). Neste sentido, uma chave de braço em que se cruza os pés pode ser avaliada como correta se cruzar os pés desempenha um papel positivo em relação à consecução do fim (por exemplo, a cruzada de pés, numa dada situação, ajudou a controlar o adversário). Claro que alguém pode provocar a desistência com uma chave de braço *apesar de* ter cruzado os pés, quando compensa um defeito num aspecto da performance com uma virtude que torna este defeito irrelevante - por exemplo, ele aplicou *tão rapidamente* a chave que o adversário não teve tempo para tentar escapar, algo que poderia fazer se fosse mais rápido. Neste caso, a performance é *correta considerando-se a situação*. Como sugerido, uma performance marcial que provoca a eliminação do adversário é uma performance digna *de algum tipo de mérito*. Todavia, uma chave de braço que provoca a desistência, mas que pode ser melhorada porque, por exemplo, não funcionaria contra um adversário mais forte ou mais rápido, não deveria ser considerada como digna de *todos* os méritos. Assim, uma chave de braço que funcionou numa situação é uma que foi *corretamente aplicada*, mas mais deve ser dito sobre chaves de braço e sobre performances em geral.

Um faixa-branca iniciante que vence outro faixa-branca com uma chave de braço aplicou a chave de modo correto, porém isso não implica que ele seja *hábil* em aplicar chaves de braço. Como vimos, uma aplicação correta pode ser correta *em contextos de uso de baixa exigência* (como lutar com outro faixa-branca - a faixa branca é a faixa dos iniciantes no jiu-jitsu) ou *correta apesar de outras falhas*. Neste sentido, o que se espera é que um faixa-branca melhore a sua *habilidade* na aplicação da técnica marcial. Em outros termos, o apropriado é que a desistência do adversário

seja resultado da aplicação de uma chave de braço e que a correção da chave seja derivada da *habilidade* em aplicar chaves de braço por parte do lutador, não de fatores que, em muitos outros cenários, não provocariam a desistência - como a força bruta de quem aplica ou a fraqueza de quem recebe a chave, por exemplo.

A habilidade do lutador ao aplicar um golpe pode ser desmembrada em aspectos diferentes de uma performance complexa que chamamos de “aplicar uma chave de braço”. Um faixa-preta (a faixa mais alta, indicadora de maestria), pode não ser capaz de aplicar uma chave de braços por conta de alguma limitação física, por exemplo, mas ele pode dominar ou ao menos entender aspectos da aplicação da chave que não são entendidas pelo faixa branca.

Pode parecer estranho que um novato possa aplicar corretamente uma chave de braço enquanto um faixa preta não é capaz e que, ao mesmo tempo, o faixa preta seja *mais hábil* na aplicação de chaves de braço do que o novato. Esta estranheza pode ser eliminada com terminologia de avaliação apropriada. Apesar da aplicação de uma chave ser uma performance (e, neste sentido, temos que separar as performances que atingem o fim das que não atingem), podemos conceder algum crédito, por exemplo, a quem *entende* reflexivamente os aspectos associados a uma performance correta derivada da habilidade. Assim, um faixa-preta tipicamente sabe *que* uma boa aplicação da chave tem tais e tais características. Este saber *que* é independente da capacidade de performar e pode ser avaliado de modo independente, portanto. Isso explica por que um faixa preta é, por definição, um *professor*: ele é capaz de, no mínimo, descrever muitos dos aspectos que tornam a aplicação correta de uma chave de braço um fruto de desempenho habilidoso - mesmo quando ele é incapaz de realizar a performance.

Muito tipicamente, a habilidade que leva cronicamente à aplicação correta envolve aspectos de saber *que* um bom golpe tem tais e tais características essenciais e a capacidade de agir de modo tal a aplicar corretamente o golpe. Todavia, esta capacidade de agir pode ser temporariamente ou definitivamente perdida ao mesmo tempo em que os aspectos mais descritivos são mantidos. Analogamente, a capacidade de aplicar habilmente o golpe pode ser mantida enquanto a capacidade de descrever o golpe, por alguma razão, não se dá.

Ser capaz de aplicar corretamente uma chave de braço por conta da posse de habilidade, porém, é apenas parte de uma performance mais ampla, que é *lutar* bem. Alguém pode *encerrar* a luta com uma chave de braço, mas tal lutador tipicamente tem que resolver mais aspectos do quebra-cabeças: como evitar os ataques do adversário? Como chegar à situação em que é possível aplicar uma chave de braço? Essa avaliação mais ampla pode ser feita em termos de boa estratégia. Uma boa estratégia considera as muitas variáveis envolvidas em uma luta, anteriores ao golpe decisivo. Claro, alguém pode vencer uma luta sem qualquer estratégia (por exemplo, quando é capaz de se impor pela força bruta). De qualquer modo, ser capaz de dispor de uma boa estratégia é algo tido como importante para casos em que a mera força bruta (ou a sorte) não bastam.

Uma boa estratégia pode ser montada, muitas vezes, *anteriormente* à luta, estudando o adversário. Um treinador de boxe experiente estuda os movimentos do futuro adversário de seu pupilo e repete com ele movimentos que visam se aproveitar dos erros do adversário. Um treinador, neste sentido, se torna uma *extensão do lutador*. Claro, esta metáfora deve ser usada considerando-se os seus limites: um treinador não pode tomar todas as decisões no lugar de seu pupilo. Como proceder diante de alguma variável não considerada durante os treinamentos?

Isto remete para um outro tipo de avaliação: a capacidade de aplicar movimentos de maneira *apta*. A *aptidão* de um atleta (ou, indiretamente, de um treinador) está relacionada às escolhas realizadas durante uma luta. Alguém pode ter um bom histórico de aplicação “correta devido à habilidade”<sup>14</sup> de chaves de braço em um colega de treino durante o treino técnico, mas escolher mal o momento de aplicação da chave durante uma luta<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Ou seja, correta devido à posse de habilidade associada à técnica, não apenas bem-sucedida devido à posse de força bruta, por exemplo.

<sup>15</sup> O que estamos propondo aqui é inspirado, com alguma liberdade, no modelo de avaliação de crenças proposto por Ernest Sosa. Sosa sugere, por exemplo, que “Belief is a kind of performance, which attains one level of success if it is true (or accurate), a second level if it is competent (or adroit), and a third if its truth manifests the believer's competence (i.e., if it is apt). Knowledge on one level (the animal level) is apt belief.” (SOSA, Ernest. *Knowing Full Well*. Princeton, Oxford: Princeton University Press., 2011, p. 1).

Considere, ainda, o faixa-preta incapaz de aplicar corretamente uma chave de braço por conta de alguma limitação física, mas que considera esta sua limitação durante a luta, não tentando aplicar a chave. Esta é claramente uma virtude desse lutador, uma virtude de escolher não agir de uma certa maneira (note que este lutador não está na mesma posição de alguém que desconhece a existência do golpe e por isso não o aplica. Quando tal virtude se aplica associadamente a uma habilidade possuída, ficam preenchidas as qualidades de um bom artista marcial: alguém que como resultado de sua *habilidade* aplica *corretamente* técnicas marciais escolhidas de modo *apto*<sup>16</sup>.

Este modelo, como vimos, ajuda também a pensar nas características de uma boa comunidade marcial, descrevendo diferentes contribuições de diferentes membros da comunidade. Alguém, por exemplo, pode perder a sua habilidade e, com isso, a capacidade aplicar *corretamente* uma técnica, mas pode manter aquelas virtudes que estão mais tipicamente ligadas à aptidão. Outro pode desenvolver e executar corretamente uma nova técnica, etc.

#### 4. Alguns conceitos auxiliares de avaliação: “belo” e “justo”

Os conceitos que sugerimos anteriormente foram recortados para dar conta da relação meio-fim típica de uma luta. Se alguém pretende classificá-los em alguma das categorias mais tradicionais, sugiro que os classifique como conceitos *epistemológicos*, já que o que está em jogo, ali, é uma avaliação do *saber* fazer algo, prioritariamente. Claro, parece fácil esperar que, pelo menos em alguma medida, estas capacidades possam ser descritas em termos de saber *que* - inclusive por alguém que não é capaz de saber fazer. De qualquer modo, continuamos no reino do “epistemológico”, algo que decorre da cláusula-base sugerida no início deste ensaio, como já poderia ser esperado.

---

<sup>16</sup> “Escolhidas” pode sugerir “escolha *reflexiva*”. Não é necessário, porém, que isto seja pensado em termos de efetivo exercício de avaliação de todas as possibilidades ou alguma outra demanda mais típica de exercícios reflexivos mais prototípicos - como os realizados durante uma partida de xadrez.

O fato, porém, é que uma comunidade marcial, como vimos, pode ter amplitude maior do que o número de artistas marciais que ela abriga; o conceito de “comunidade marcial” também inclui outros fins, para além do fim previsto na cláusula-base (o fim associado ao dano). Por exemplo, como vimos, uma comunidade marcial construída em torno da tradição da Capoeira pode abrigar indivíduos mais primariamente interessados na prática da Capoeira *como se* ela fosse uma dança, sem se preocupar, em qualquer grau, com a correção dos movimentos sob uma perspectiva marcial. Num sentido que é relevante para nossa discussão, um tal membro da comunidade pode ser um bom artista da Capoeira sem ser um bom artista marcial, dado o deslocamento do fim associado aos movimentos. Seus movimentos podem ser, dado este deslocamento, avaliados *primariamente* como *belos* - por exemplo.

Note que não há qualquer juízo de valor sobre o deslocamento de um fim para outro aqui. Cabe, porém, deixar claro o que acompanha o deslocamento do fim marcial para o fim estético: não estamos falando mais de uma arte marcial e sim de uma dança, se o deslocamento do fim é total.

Note, ainda, que podemos continuar falando de habilidade na execução dos movimentos, mas que tanto a correção quanto a aptidão são avaliações que parecem não caber numa dança.

Há um segundo sentido de avaliação estética que pode ser aplicada às artes marciais. Eu chamarei este sentido de *externo*, já que eu vou tomar um avaliador externo, sem conhecimentos marciais, como o avaliador suposto aqui. A este avaliador é apresentada duas finalizações em lutas de MMA: a primeira, o chute rodado de Edson Barboza em Terry Etim<sup>17</sup> e a segunda, o estrangulamento de Demian Maia contra Rick Story<sup>18</sup>. As duas são exemplares de ação apta, fruto de habilidade e da correção na aplicação das técnicas. Elas são exemplares de “beleza”?

O gosto médio do espectador eventual de lutas muito provavelmente escolherá o chute de Barboza como a finalização “mais bonita”. O estrangulamento de Maia, além de tudo, nos brinda com um esguicho de sangue pelo nariz, certamente

---

<sup>17</sup> Disponível aqui <<[https://youtu.be/X7xnqe\\_C7yo](https://youtu.be/X7xnqe_C7yo)>>

<sup>18</sup> Disponível em <<<https://youtu.be/Y3U2EjNxBoc>>>

uma cena desagradável. Todavia, qualquer um que entenda da dinâmica das lutas sabe o quanto de técnica e destreza é exigido para os dois golpes. Por qual razão, então, um é “mais bonito” do que o outro - ou pela qual apenas o chute é “belo”?

Eu vou sugerir duas respostas para a questão. A primeira assume como avaliador alguém que também é, em algum grau, um especialista em artes marciais. Para este, “lindo” não significa estritamente “belo”, no sentido mais tradicional de avaliação estética; “lindo” significa “perfeitamente aplicado” ou, mais, “um exemplar excelente de aplicação de uma técnica difícil” (ou algo equivalente). O ponto é que a avaliação continua sendo *funcional*, ou seja, ligado ao fim - o fim de provocar o fim da luta<sup>19</sup>.

Há um segundo sentido, que aparece quando assumimos como avaliador um leigo em artes marciais. Neste caso, a atribuição de beleza é mais tipicamente estética: ela carrega uma avaliação da plasticidade dos movimentos. Neste sentido, por exemplo, é claro que a Capoeira é “mais bonita” do que o “jiu-jitsu” e que o chute rodado é “mais bonito” do que um estrangulamento. Note, porém, que esta é uma avaliação parasitária: os fins de uma arte marcial, como estabelecido na cláusula-base, não exigem qualquer satisfação deste tipo de avaliação. Isso não implica, porém, que seja “errado” fazer este tipo de avaliação; o errado seria atribuir maior ou menor valor para uma arte marcial por conta disto - ao menos quando consideramos o fim básico captado pela cláusula-base.

Considere, agora, o lugar de conceitos *morais* em avaliações sobre ações no escopo das artes marciais. Esta avaliação é particularmente importante porque por vezes artistas marciais são descritos em termos de propriedades morais - por vezes, inclusive, se considera que um “verdadeiro” artista marcial possui necessariamente tais e tais propriedades morais.

Mais uma vez, recorrer à cláusula-base nos ajuda a entender que qualquer propriedade moral também é secundária para um artista marcial. Claro, isso significa apenas que não é incompatível possuir, ao mesmo tempo, a propriedade de ser um artista marcial e ser, em algum sentido, imoral. Isso não significa que propriedades

---

<sup>19</sup> Para uma discussão sobre funções de conceitos estéticos nas artes marciais veja ALLEN, Barry. *Striking Beauty: A Philosophical Look at the Asian Martial Arts*. Columbia University Press, 2015)

morais não sejam relevantes para artistas marciais, mesmo que não sejam definidoras.

Qual o lugar, então, para propriedades morais? Considere a perspectiva de um artista marcial. Como vimos, um artista marcial é alguém que possui ferramentas para vencer combates. Isso, porém, não significa que artistas marciais *devam* entrar em combates, claro. Note que decidir entrar ou não em um combate (quando se pode escolher entre as duas opções, claro) não é em si mesmo um exercício de arte marcial. Todavia, um artista marcial é, tipicamente, por conta de seu treinamento, um *manipulador da violência* e, por conta disso, alguém capaz de entender mais claramente as consequências da aplicação de técnicas marciais e os riscos. Assim, perguntas como “é prudente entrar em combate contra tal pessoa?” e “é justo entrar em combate contra tal pessoa?” deveriam estar na ordem do dia do treinamento para exercício da violência. Alguém que exerce a violência intrínseca às artes marciais de forma injusta é alguém que aumenta as suas chances de receber ação violenta, o que é imprudente, particularmente em tempos de proliferação de armas de fogo (contra as quais as técnicas marciais são bastante ineficientes). De modo análogo, provocar o desmaio por estrangulamento de alguém que parte para uma tentativa de agressão parece uma medida mais justa do que provocar a morte por estrangulamento. A segunda é uma aplicação desproporcional de uma técnica marcial - uma aplicação *injusta*.

Além disso, *justiça* é um conceito importante para o desenvolvimento de comunidades marciais. Mesmo considerando-se apenas os fins estritamente marciais de uma comunidade marcial, é típico que os seus membros estejam em estágios distintos de aptidão em relação às técnicas marciais. Muitas artes marciais, inclusive, sinalizam essas diferenças com indicadores como cores de faixas (ou etc.). Como promover o desenvolvimento de novatos sem algum senso de justiça em relação à aplicação da violência intrínseca durante as lutas de treinamento? Como manter espaço para os veteranos, que podem dominar aspectos importantes para a aplicação apta das técnicas marciais mesmo tendo perdido a habilidade para aplicação das técnicas? Uma certa ética se faz importante, portanto, para que tenhamos comunidades marciais saudáveis, inclusive no que diz respeito à maximização do sucesso em relação aos fins marciais.

## Referências

ALLEN, Barry. *Striking Beauty: A Philosophical Look at the Asian Martial Arts*. Columbia University Press, 2015

CARMONA, C. “Dance and Embodied Cognition: Motivations for the Enactivist Program “. RIFL (2018) Vol. 13, n. 2: 31-43 DOI: 10.4396/20180208.

CSIKSZENTMIHALYI, M. *Flow: The psychology of optimal experience*. New York, NY: Random House, 2013.

FRIDLAND, Ellen e PAVESE, Carlotta (eds.), *The Routledge Handbook of Philosophy of Skill And Expertise*, New York: Routledge, 2020.

Greco, John, *Achieving Knowledge: A Virtue-Theoretic Account of Epistemic Normativity*, Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

LUZ, A. M., *Conhecimento e Justificação: problemas de epistemologia contemporânea*. Editora:NEPFil on-line, 2013

MARTÍNKOVÁ, I., PARRY, J. (2016a) ‘*Martial Categories: Clarification and Classification*’, *Journal of the Philosophy of Sport*, 43(1): 143–162

SOSA, Ernest . *Knowing Full Well*. Princeton, Oxford: Princeton University Press, 2011.

SOSA, Ernest e CALLAHAN, Laura, “Skill and Knowledge”, in FRIDLAND, Ellen e PAVESE, Carlotta 2020: 146–156.

STANLEY, Jason, *Know How*, Oxford: Oxford University Press, 2011.

WILLIAMSON, Timothy, *Knowledge and Its Limits*, Oxford: Oxford University Press. 2000.

Recebido em: 29/01/2023

Aceito em: 25/03/2023